

Aqueles olhos tristes a atormentavam desde que vira as reportagens na TV. Ela queria fazer algo. Mas o quê? Como secretária de banco, achava que não possuía habilidades especiais que pudessem ajudar uma criança doente. Tinha a oferecer apenas amor e empatia. Mas era exatamente disso que aqueles órfãos precisavam.

As crianças perdidas de Bacau

BEVERLY PEBERDY

SENTIA-ME COMO se estivesse em missão de ataque, e não de caridade. Era o auge do inverno, em fevereiro de 1991, e eu estava no grupo de seis voluntários britânicos e irlandeses que tomaram um avião até a Romênia para trabalhar num orfanato para crianças portadoras de deficiência.

Deixamos o hotel em Bacau, cidade industrial no nordeste da Romênia, em direção à vila de Ungureni. Percorremos a estrada irregular em uma *van* com bancos de madeira afixados às laterais. Sem apoio, batíamos a cabeça

te aos portões de longo muro de concreto cinzento. O motorista saiu e abriu a porta. Sensação de temor e depressão revolveu dentro de mim.

Um segurança com a barba por fazer, chapéu de cossaco e envolvido em volumosa pele de carneiro, abriu os portões ameaçadores. Afundamos na lama espessa e revolta enquanto descíamos a colina até um grande pátio. As paredes pintadas de marrom-claro do edifício nos envolviam, com as janelas gradeadas cobertas de ferrugem, os vidros enegrecidos com a poeira e ladeados por cortinas cinzentas.

Ouvi uma batida e vi que um rostinho nos observava através da vidraça. A mão acenou. Retribuí o cumprimento. Finalmente chegáramos ao nosso destino: o Orfanato para Irrecuperáveis.

O guarda dirigiu-se a uma porta trancada. Quando a abriu, um bafo de ar fétido me obrigou a recuar, chocada. Dentro do orfanato tudo era cinzento, lúgubre e

úmido. No fundo do corredor alto e sem janelas, uma lâmpada fraca rompia a penumbra.

O frio e a umidade fizeram-me estremecer, mas o pior era o ruído. Altofalantes invisíveis distorciam a frenética música popular. Apesar de ensur-



Orfanato para irrecuperáveis: o sombrio abrigo do governo romeno para 186 crianças com deficiência física e mental

no teto quando as rodas do carro desabavam nos buracos.

Subimos as montanhas nevadas, passando por coloridas casas de madeira, carroças e carros de boi. Mais de uma hora depois, a cerca de 24 quilômetros de Bacau, a *van* parou em fren-

suficiente para me candidatar a nada, nem para abrir mão de meu salário, de que tanto precisava, para obter as qualificações que me faltavam.

Então, uma semana antes do Natal, vi no jornal o anúncio de uma organização denominada Associação Romana de Orfanatos. Solicitava voluntários para ajudar crianças com deficiência física e mental num orfanato. Era exatamente o que eu procurava.

O anúncio informava que eram necessários enfermeiros, médicos, professores e fisioterapeutas. A princípio, senti-me completamente sem esperanças. Mas lembrei-me das palavras de uma amiga, que certo dia me dissera: “Quem não arrisca não petisca.” Decidi candidatar-me de qualquer forma. Com um misto de entusiasmo e medo, liguei para o telefone do anúncio.

– Não tenho nenhuma formação em Medicina nem ensino – confessei para a mulher que atendeu –, porém sou boa para organizar e executar tarefas. Adoro crianças, e trabalho duro.

Estava desesperadamente tentando pensar em outros atributos que pudessem atrair sua simpatia. A mulher pareceu incerta:

– Acho que eles realmente precisam de pessoas com habilidades específicas para ajudar crianças doentes – ela disse –, mas será um prazer enviar-lhe o formulário de inscrição.

Um entusiasmo infantil dominou-me quando recebi esse pequeno estímulo. Alguns dias depois, o formulário chegou. Acima de tudo, procuravam pessoas que pudessem ficar na Romênia durante pelo menos um mês. Eu sabia que meu gerente detestaria

ouvir a notícia de que me afastaria durante tanto tempo. Guardei o formulário em uma gaveta e, com o coração pesado, decidi esquecê-lo.

Naquela noite, John e eu assistimos a outra reportagem sobre um orfanato na Romênia. Vendo o estado terrível das crianças, pensei: *Será possível que eu não tenha nada a oferecer a essas crianças? Posso dar banho nelas e alimentá-las, brincar e oferecer carinho.* Jurei não desistir tão facilmente.

Sentei-me à mesa da cozinha e preenchi o formulário. Ao terminar, escrevi: “Por favor, por favor, leia a folha anexa.” Em outro papel, enfatizei como estava sempre animada e disposta a cumprir qualquer trabalho que me atribuíssem.

John ficou ainda mais surpreso do que eu quando fui convidada para a entrevista. Na reunião, a pediatra da associação, doutora Judith Darmady, explicou todos os aspectos do trabalho no orfanato, os bons e os horríveis.

– Você ainda quer ir? – perguntou.

– Claro, sem dúvida.

– Precisamos de você com urgência. Você pode embarcar daqui a duas semanas e ficar lá por três meses?

Ouvindo aquilo, pulei da cadeira, agarrei a mão da médica, beijei-a no rosto e lhe dei enorme abraço.

– Bem – disse ela, com um sorriso franco –, aquelas crianças poderão contar com muito carinho seu, Bev.

Não imaginava qual seria a reação do banco à minha solicitação de três meses de licença não-remunerada. Mas meu chefe ficou fascinado com a iniciativa:

– É maravilhoso! – comentou. –

Vou procurar o departamento de pessoal e resolver tudo para você.

As duas semanas seguintes voaram em um turbilhão de atividade e planejamento. John estava estupefato não apenas por me terem convidado para ir, mas também porque eu realmente iria.

– Estou muito orgulhoso de você! – elogiou. Enquanto eu fazia as malas, John fez apenas uma exigência: “Em hipótese alguma volte com um bebê ou uma criança pequena!” Ambos rimos da idéia.

Quando me despedi dele no aeroporto, uma onda de pânico me dominou. Como poderia sobreviver sem sua companhia e seu apoio? Em 20 anos de casamento, nunca nos separamos. Enquanto passava pelo portão de embarque, olhei para trás pela última vez. Com os olhos cheios de lágrimas, vi meu amado John. Depois ele sumiu, e fiquei sozinha.

Prisão terrível

NA MINHA PRIMEIRA noite em Ungureni, o líder da equipe informou-me que eu fora destinada ao Salão Um, onde estavam algumas das crianças mais doentes e com deficiências mais graves.

Quando ouvi falar dos órfãos romenos abandonados em instituições, meu sonho ingênuo foi sair com eles para o ar puro e lhes oferecer alguma diversão e prazer. No entanto, logo percebi que seria difícil entusiasmarlos por qualquer coisa enquanto estivessem com frio e famintos. Gastava a maior parte do meu tempo apenas lutando para limpá-los e vesti-los.

Meu sonho parecia mais distante a cada minuto.

O Salão Um ficava no primeiro andar. Cerca de 15 das crianças menores e com deficiências mais graves ficavam espalhadas pelos berços, em meio a trapos imundos. Enquanto executávamos nossas tarefas, Jenny, a voluntária inglesa responsável por aquele grupo, contou-me o que sabia da história das crianças. Era muito pouco. A maioria tinha poucos registros médicos.

– Qual é a idade dessas crianças? – perguntei a Jenny.

– Têm entre 3 e 14 anos.

Fiquei confusa. Para mim, todas pareciam bebês. Mas quando examinei uma das menores com atenção, vi que já tinha os dentes definitivos e deveria ter pelo menos 12 anos.

Descobri que, até recentemente, a maioria das crianças nunca havia saído do berço. Antes da exposição dos orfanatos à mídia do mundo inteiro, muitas vezes a equipe amarrava as mãos das crianças por trás das costas e prendia suas pernas ao peito, para facilitar a vida das mulheres que cuidavam delas. Se as crianças ficassem amarradas nos berços, argumentavam, não poderiam andar por aí e causar problemas.

Como resultado, muitas estavam paralisadas nas posições fetais em que estiveram amarradas. Apesar de agora estarem livres, os músculos encontravam-se completamente atrofiados e as articulações travadas.

Deitadas à minha frente, tinham o olhar perdido e desfocado. Quando eu tentava carregá-las, encolhiam-se co-

mo cachorrinhos agredidos e davam gritos horríveis.

Meus primeiros dias foram um pesadelo, e minha autoconfiança não aumentou nada quando, uma semana depois de minha chegada, Jenny voltou à Inglaterra, deixando-me responsável pelo Salão Um. Sentia-me mais à vontade executando ordens do que tomando decisões, e receava não estar à altura da nova função. Mas estava entusiasmada para concretizar meu sonho de levar as crianças para caminhar ao ar livre.

Uma de minhas primeiras atitudes foi escrever o nome de cada criança na cabeceira do berço. Isso lhes deu um pouco de individualidade e ajudou a garantir que receberiam o remédio correto.

Todas as manhãs, eu entrava agitada no quarto, dizendo “bom-dia, vamos lá, acordem, cheguei”, e dava um beijo em cada criança, chamando-as pelos nomes. As crianças menos desenvolvidas não me deixavam retirá-las dos berços. No entanto, descobri que ajudava quando eu as envolvia em cobertores para que se sentissem seguras e depois massageava seus rostos e membros com ternura, até que relaxavam o bastante para deixar que eu as pegasse no colo.

A fisioterapia que eu aplicava se baseava simplesmente no bom senso. Por fim, deixaram que eu as deitasse em um tapete. Tentei estimular as crianças, fazendo cócegas ou brincando de rolá-las. Para ajudá-las a ficarem em pé, segurava suas mãos e brincava



A princípio, a autora (segunda da direita para a esquerda) enfrentou a hostilidade das voluntárias romenas, que resistiam às suas sugestões

de balançá-las para a frente e para trás, enquanto dizia: “Vá embora. Volte. Vá embora.”

Alguns dos outros voluntários riam de mim, porque eu conversava com as crianças em inglês. Para mim, como muitas das crianças não sabiam falar, não importava que idioma eu usasse. Bastava que ouvissem voz humana.

Como outra forma de terapia, enchi uma banheira antiga com loção para banho de espuma que trouxera de casa. Augustina, a diretora, ficou horrorizada, certa de que as crianças morreriam de frio. “Não, não tem problema”, garanti. “É algo científico que fazemos na Inglaterra.” Desconcertada, porém com respeito, ela parou de se opor.

Certo dia, pedi que a diretora desligasse a música enlouquecedora. Argumentei que, se o silêncio me deixava mais calma, teria efeito ainda maior sobre as crianças. Augustina concordou, e foi um alívio enorme quando a música parou.

Em seu lugar, coloquei cantigas de ninar ou valsas de Strauss – as preferidas das crianças – no toca-fitas. Eu cantava e dançava com elas, ajudava-as a bater palmas e sacudia chocalhos em frente a seus olhos fixos e sem expressão.

Passo a passo

A PRINCÍPIO, TRÊS mulheres da equipe romena – Lucia, Maria “Grande” (por causa do seu tamanho) e Maria “Frumos” (ou “bela”) – resistiram às minhas sugestões. Algumas vezes, eram francamente hostis. Mas quanto mais mal-humoradas eram comigo, mais gentil eu era com elas.

Decidi aprender algumas palavras básicas em romeno para que pudesse me comunicar melhor. Queria mostrar-lhes que elas também se beneficiariam de qualquer mudança que conseguíssemos implementar no orfanato.

Por exemplo, quando comecei a fazer fisioterapia com as crianças, Lucia, vigorosa mulher de meia-idade, tinha certeza de que eu estava perdendo tempo.

– Bevey – disse ela, balançando a cabeça –, essas crianças nunca serão capazes de caminhar.

– Provavelmente não – concordei. – Mas vamos tentar. Poderemos ajudar algumas delas.

Quando conseguia que as crianças ficassem em pé nos berços, carregava-as para o chão e brincava com elas. Para minha surpresa, descobri que seguir meus instintos funcionava. Crianças que haviam sido classificadas como totalmente incapazes agora sorriam e mostravam interesse pela vida.

Um garotinho que apelidei de *Lazlo Preguiçoso* foi a primeira criança imóvel que conseguimos ensinar a andar. Foram necessárias semanas de estímulo constante, e finalmente ele deu os primeiros passos.

Essa pequena vitória fez enorme diferença na disposição de Lucia e das duas Marias. Elas começaram a comentar os progressos das crianças com as outras funcionárias do orfanato.

– Não é *Lazlo Preguiçoso* caminhando? – perguntou a mulher de outro quarto.

– Sim! – respondeu Lucia, com orgulho. – Agora estamos trabalhando com os outros!

Quando cheguei a Ungureni, pensei que as mulheres que trabalhavam lá eram monstros. Depois que as conheci melhor, percebi que na maioria das vezes fora apenas a ignorância, e não agressividade, que fizera com que tratassem as crianças daquela forma.

Fazendo amizades

ENQUANTO ME adaptava ao orfanato, minha criatividade era testada quase diariamente. Às tardes, eu trabalhava com as crianças maiores, que podiam ser muito agressivas, mordendo ou chutando. No início, eu tive medo delas, mas descobri formas de superar temores e buscar inspiração em meu senso de humor.

Por exemplo, grande problema era que todas as crianças mais velhas, cerca de 90, eram conduzidas para a sala de jantar no mesmo momento. A comida era colocada em tigelas grandes, porém não havia tigelas suficientes para todos. Portanto, quando o grupo era "solto" no salão, havia sempre briga geral. A comida terminava espalhada pelo chão, enquanto crianças desesperadas engatinhavam e tentavam recolher algo.

O melhor daquelas refeições escassas acabava com as crianças mais fortes e agressivas, que roubavam a comida da boca dos menores e mais fracos. Era visão tão brutal e selvagem que nunca poderei esquecê-la.

Como solução, definimos grupos de tamanho administrável. Obtivemos tigelas e colheres suficientes, e colocamos as crianças sentadas à mesa. No início elas gritavam, com medo de não obter bastante comida, mas insistimos.

Cada voluntário cuidava de uma mesa e ficava em pé atrás das crianças, orientando as colheres em direção às bocas, até que cada uma delas fosse capaz de comer sozinha.

Fiquei com a mesa que reunia os meninos mais incontroláveis. Para desânimo meu, ainda que estivessem sentados, jogavam comida uns nos outros. Certo dia, vi um dos meninos arremessar uma tigela com feijão fumegante. Não me abaixei tão rápido quanto deveria, e os feijões aterrissaram em minha cabeça, escorrendo pelo cabelo e invadindo as orelhas.

Tudo o que consegui pensar para dizer foi: "Devo concluir que o feijão não estava ao seu gosto, senhor?" Os voluntários contorceram-se em gargalhadas. Quando as romenas entenderam o que eu dissera, riram também, enquanto ajudavam a tirar os feijões de meus cabelos.

À medida que o tempo melhorava, eu ficava mais determinada a levar as crianças para passear ao ar livre. Queria que sentissem a brisa no rosto, ouvissem os pássaros cantar, observassem a passagem das nuvens, cheirassem a primeira flor.

Contudo, em vez de se maravilharem, as crianças ficaram apavoradas quando saíram pela primeira vez. Agarravam-se às nossas pernas. O som dos pássaros cantando e do vento nas árvores era desconcertante para elas. Um dia choveu e as crianças entraram em pânico, porque nunca haviam experimentado nada parecido.

Nossas excursões ao mundo exterior eram cheias de surpresas. Patrika, menino com excesso de peso, jamais

caminhara em pavimento algum que não fosse de concreto plano. No alto de uma colina, teve tanto medo de descer que precisei pedir ajuda para levá-lo para baixo. Ele se agarrava a mim, trêmulo e choramingando: “Bevey, Bevey.” Por fim, as crianças passaram a gostar do passeio. Era muito triste levá-las de volta para o edifício. Em certa ocasião, um belo menino louro chamado Mihai chorou e implorou para ficar lá fora. Foi necessário arrastá-lo para dentro. Fiquei tão triste por ele que também chorei, sabendo que provavelmente só poderia sair de novo uma semana depois.

Com o passar do tempo, comecei a me aproximar de algumas crianças, e várias se tornaram verdadeiras amigas. Havia uma garota chamada Szuzannah, 14 anos, que tinha paralisia cerebral e a idade mental de uma criança pequena. Era cigana – povo desprezado pelos romenos. Incapaz de se sustentar nas pernas aleijadas, precisava se arrastar no chão. Olhava para mim com olhos tristes, desesperada por atenção e amor. Quando alguma criança gritava comigo, Szuzannah tentava me defender.

Uma tarde, eu estava trabalhando com os meninos maiores quando Szuzannah entrou se arrastando. De repente, um rapazinho especialmente imprevisível ficou muito agitado e veio correndo do outro lado do quarto, querendo me bater. Szuzannah agarrou-se a uma cama e se ergueu sobre as pernas retorcidas. Colocou seu corpo frágil entre mim e o menino, e recebeu todo o impacto do punho dele – o que a derrubou. Através das lá-

grimas, gritou para ele: “Deixe a minha Bevey em paz!”

Por mais que meu trabalho fosse satisfatório, acontecimentos como esses tornavam minha vida muito estressante. Por isso, era sempre um alívio telefonar para casa e desabafar com John.

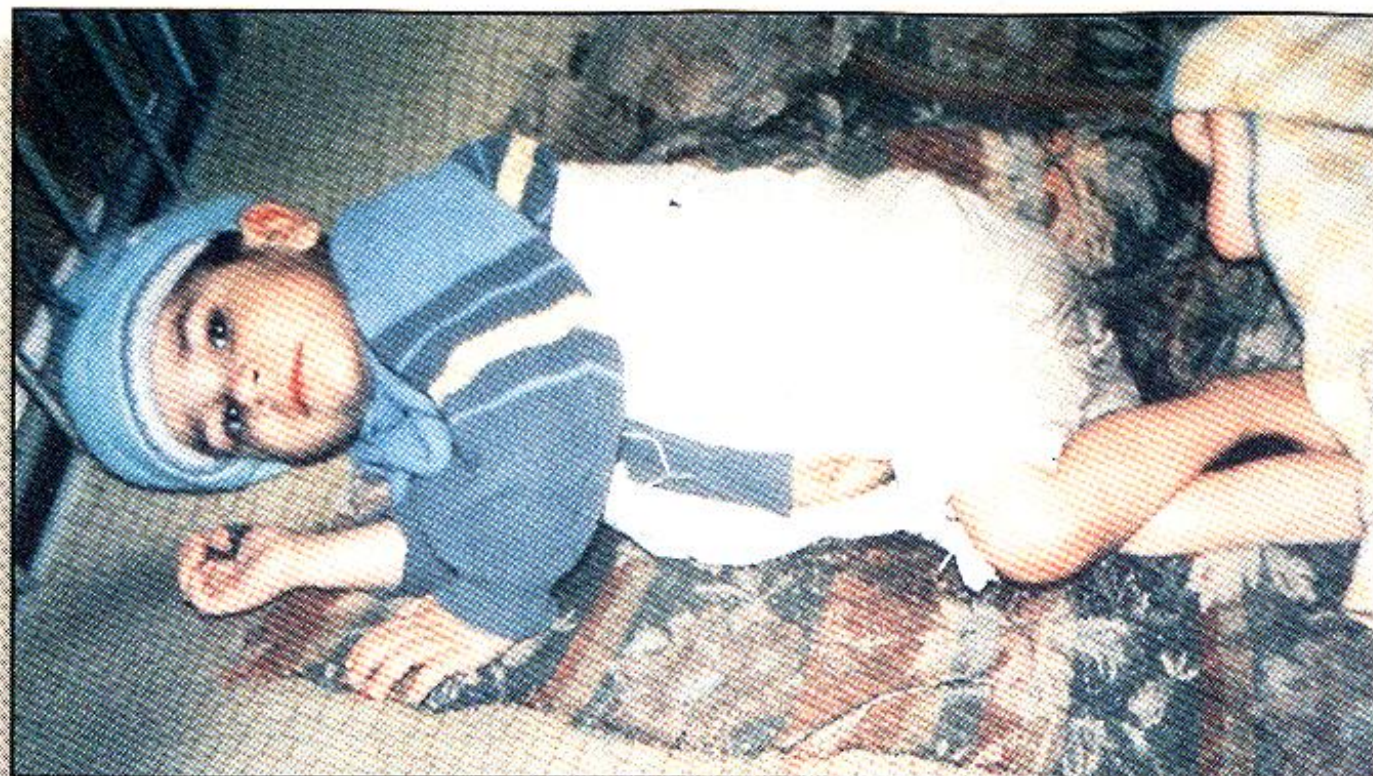
“Continue a ser você mesma”, ele me aconselhava. “Concentre-se no trabalho que foi fazer aí: cuidar das crianças.”

As irmãs

COM O TEMPO, lentamente tornamos a vida dos órfãos muito mais confortável. Pequenos progressos ocorriam a cada dia: uma criança sorria pela primeira vez, demonstrava interesse por um brinquedo ou saía do Salão Um sem gritar.

Nessa época, recebemos ajuda inesperada. Pouco antes de minha chegada a Ungureni, madre Teresa de Calcutá visitara a Romênia e, consternada com o estado dos orfanatos, decidira abrir quatro lares, um deles em Bacau. Duas das irmãs de sua ordem, as Missionárias da Caridade, visitaram Ungureni. Ficaram bastante tempo no Salão Um, observando meu trabalho. Vi como conversavam com as crianças e fiquei impressionada com aquelas mulheres gentis e de aparência frágil.

Elas se ofereceram para levar algumas crianças de cada grupo para o lar que fundaram em Bacau. Nas semanas anteriores, eu tivera a oportunidade de conhecer muito bem as crianças do meu quarto, e mal podia esperar para contar às irmãs tudo o que sabia sobre elas. Anotei suas preferências e rejeições, as canções e brinquedos favoritos,



Patreascu em seu berço aos 4 anos: imagem do sofrimento e da dor em Ungureni

as diferentes formas como gostavam de ser confortadas quando choravam.

Estava ansiosa para saber para onde iriam as crianças do Salão Um. As freiras convidaram-me para visitar o novo lar, uma casa muito simples num gueto cigano, a região mais pobre de Bacau que eu já vira. Por dentro, as paredes eram pintadas em tons claros, os berços eram brancos e havia camas dobráveis para as crianças maiores. Diferentemente de Ungureni, havia banheiros modernos, com água quente e fria.

Durante as primeiras semanas dos órfãos com as irmãs, eles começaram a se interessar pelo que os cercava. Pareciam mais felizes. Começaram a crescer. Não havia nenhum mistério nisso – apenas trabalho duro.

Uma das menores crianças transferidas para as irmãs foi um menino chamado Ionel. Depois que Ionel nascera, a mãe não pôde cuidar dele. O garoto

fora enviado a um orfanato estadual e, por fim, chegara a Ungureni.

Ionel passara a maior parte de seus 18 meses naquele berço. Exceto por uma choradeira constante, não dava sinais de vida. Precisava de cuidados dia e noite, por causa da bronquite crônica e da má saúde em geral.

Como os outros, ficara amarrado ao berço o dia inteiro. Não conseguia se sentar. As pernas estavam murchas, e uma era mais curta do que a outra. Havia queimaduras de cigarro no peito e marcas de mordidas dos vira-latas que costumavam vaguear pelo orfanato livremente na época anterior à revolução. No caminho para o lar de madre Teresa, ele não tivera forças para gritar – apenas ficara deitado no colo de uma das irmãs, com olhar perdido no espaço e lutando para respirar.

Era difícil dizer quais das crianças com deficiência física também tinham

problemas mentais. Algumas pareciam ter, mas estavam apenas carentes de afeição, exercícios e comida decente. Ionel era um desses casos misteriosos. Mas algo parecia inegável: sua saúde era tão ruim que ele provavelmente não viveria muito.

Poucas semanas depois de chegar ao lar das irmãs, porém, ele começou a comer vorazmente. À medida que ganhava peso, começou a se parecer com Dom Patreascu, o simpático guarda noturno do lar de madre Teresa, que era quase tão largo quanto alto. Então as irmãs começaram a chamá-lo de “Patreascu Mic”, ou “Pequeno Patreascu”, e o apelido pegou.

A lamentação constante não me deixava sentir simpatia por ele, mas fui obrigada a admitir que começara a demonstrar espírito de aventura. Ao ganhar força, aprendeu a fugir do berço levantando a borda do colchão e deslizando por um intervalo entre as barras, na extremidade. Quando ficou grande demais para isso, dava impulso com a perna que era um pouco melhor, até que aterrissava no alto das barras e passava para o outro lado com agilidade surpreendente.

Também percebi que, quando uma fita chegou ao fim no toca-fitas, Patreascu descobriu rapidamente como virá-la para tocar o outro lado. Logo comecei a suspeitar que havia mais naquele menino do que eu pensara inicialmente.

Dor no coração

MINHA TEMPORADA em Ungureni chegava ao fim, e muitas das crianças demonstravam

sinais de independência – querendo se levantar e participar das atividades. Eu desejava continuar o que começara, e estava em dúvida sobre voltar para casa.

O amor por John era indiscutível. Entretanto, em comparação com o que estava fazendo na Romênia, meu trabalho na Inglaterra parecia inútil. Fazer diferença na vida dessas crianças abria um novo mundo para mim.

Com certa relutância, voltei para casa no fim de maio. John decorara a casa com balões e faixas. Nos dias que se seguiram, eu esperava me sentir feliz por estar de volta à família, mas isso não estava ocorrendo.

Retomei o emprego no banco, mas tudo parecia tedioso e fútil. Eu queria voltar para a Romênia e trabalhar de verdade.

Quase tudo me fazia lembrar da Romênia e das crianças. Certo dia, quando abri meu armário, fiquei surpresa ao constatar quanta roupa possuía. Lembrei-me de como meus amigos romenos se vestiam com farrapos. Em outra ocasião, percebi que tinha cinco casacos. *Será que todos os meus amigos têm tantos casacos?*, pensei. *Talvez eu possa convencê-los a enviar alguns para as irmãs.*

Determinada a não deixar toda aquela experiência simplesmente se apagar, pedi a todas as pessoas que conhecia doações de roupas e sapatos. Organizei distribuições de caminhões de roupas, alimentos e remédios. Escrevi para várias empresas, solicitando que doassem o que pudessem.

Logo nossa garagem estava repleta de doações. Um dia, descobri que

John pendurara um grande cartaz irônico na porta: “Acampamento de transferência de doações para a Romênia de madre Teresa”.

Quando alguém me dizia que desejava ajudar as crianças romenas, eu entrava em contato com a irmã Jane, a madre superiora. Com apenas quatro irmãs e seis funcionárias para 52 crianças, voluntários eram sempre bem-vindos.

Sabendo que as freiras desejavam construir uma escola para as crianças deficientes, utilizei a confiança recém-descoberta para convencer meu banco a aderir à campanha de levantamento de fundos. Junto com o pessoal de relações-públicas do banco, criei um cartaz que mostrava uma criança romena, com a legenda: “Esta criança está aquecida e bem alimentada – agora ela precisa de escola.”

Foi um sucesso. Conseguimos dinheiro suficiente para construir uma escola, uma lavanderia e o dispensário tão desejado, onde as irmãs poderiam tratar centenas de pacientes a cada semana.

Certo dia, a irmã Jane telefonou:

– Bevey – disse ela –, quero que você descubra um especialista em cirurgia ortopédica pediátrica para operar Szuzannah.

Quando contei a John sobre o telefonema, ele perguntou:

– Como ela espera que você consiga isso? Ela não sabe que você trabalha num banco?

Concordei que se tratava de solicitação pouco ortodoxa, mas estava entusiasmada com a idéia de me envolver com as crianças outra vez. O que eu não sabia é que minha vida estava

prestes a passar por outra mudança extraordinária.

Nova missão

A PENAS SEIS MESES antes eu nunca teria coragem de procurar um cirurgião e pedir ajuda. Agora, porém, quando se tratava de obter o que as crianças romenas necessitavam, eu me sentia capaz de fazer qualquer coisa. A pergunta era: como começar?

Um colega contou-me sobre o hospital St. Gerard, dirigido por freiras católicas num subúrbio de Birmingham. A enfermeira-chefe do hospital, irmã Beatrice, deu-me o nome do doutor Nigel Dwyer, especialista em cirurgia pediátrica. Ela prometeu-me que pediria ao médico que entrasse em contato comigo quando estivesse disponível.

Alguns meses depois, a irmã Beatrice telefonou e perguntou se eu gostaria de falar com o doutor Dwyer. Tremendo, respondi que sim.

– Alô – ouvi uma voz firme. O que você deseja?

Depois que expliquei, o cirurgião me fez perguntas médicas incisivas. Então eu arrisquei:

– Seria melhor o senhor ir à Romênia e ver as crianças pessoalmente.

– A senhora está me pedindo para cancelar todos os meus compromissos e simplesmente me afastar por uma semana?

– Sim, acho que deveria – respondi, recusando-me a ficar intimidada.

E quando perguntei se poderia visitá-lo para explicar o motivo, ele concordou. Estava determinada a obter o

que queria. O doutor Dwyer era homem imponente, de cabelos grisalhos e barba espessa. Fiquei aliviada ao descobrir que ele já pensara bastante na possibilidade de tratar as crianças.

Apesar disso, levantou todos os obstáculos possíveis à idéia de ir à Romênia – desde o fato de que o passaporte estava vencido à inexperiência como viajante. Rebatí todas as objeções que ele conseguiu encontrar.

Por fim, ele concordou mas acrescentou:

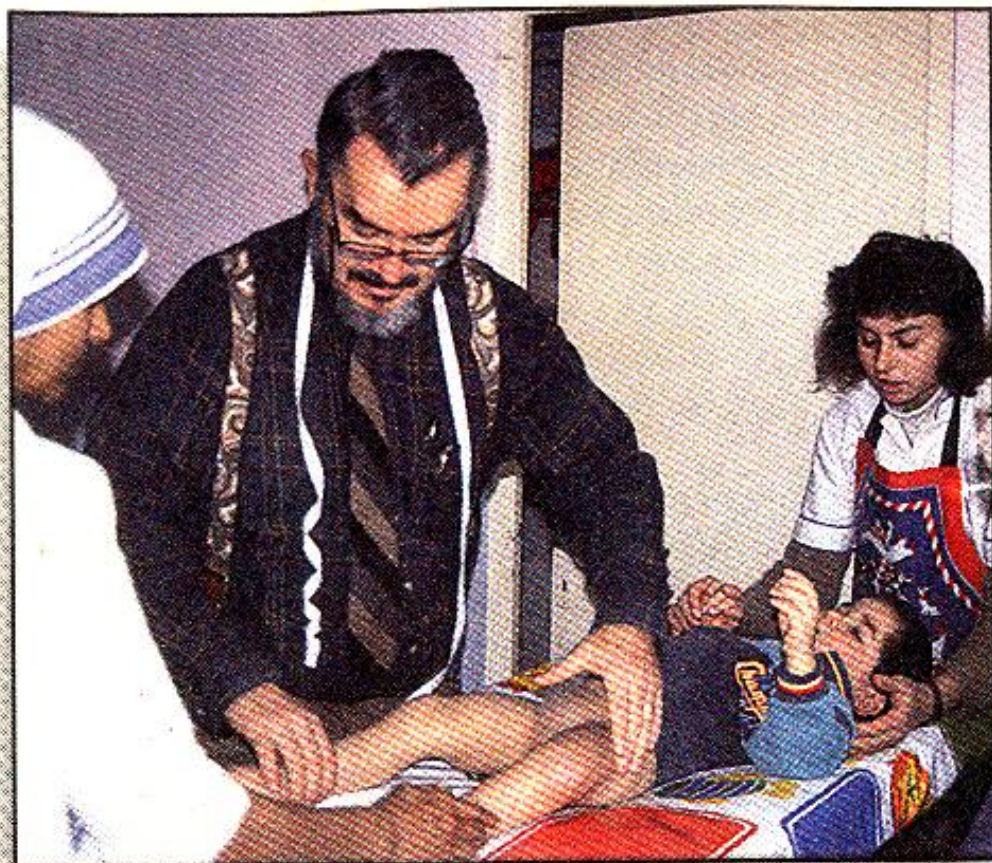
– Provavelmente não vai conseguir obter lugar para mim no avião agora.

– Já reservei sua passagem – respondi. – Tinha certeza de que o senhor decidiria ir.

Em janeiro de 1992, o doutor Dwyer viajou para Bacau. Depois de examinar as crianças, disse que poderia ajudar muitas delas com soluções não-cirúrgicas, como talas e ataduras. Cerca de 15 crianças, porém, precisariam ser levadas à Inglaterra para serem operadas.

A primeira paciente seria minha protetora, Szuzannah. Agora ela estava com 16 anos, e qualquer cirurgia precisaria ser feita imediatamente, enquanto seus ossos ainda fossem flexíveis.

Nigel – o doutor Dwyer e eu já nos tratávamos pelo primeiro nome – também queria colocar Patreascu no iní-



Nigel e Patreascu: a energia do menino deu enorme esperança ao médico

cio da fila. Nigel foi o primeiro a diagnosticar que o menino contraíra pólio. Não apenas as duas pernas estavam murchas, porém uma estava 15 centímetros mais curta do que a outra.

Patreascu ainda parecia sofrer de deficiência mental grave e perturbação emocional. Não falava, chorava constantemente e não demonstrava reação ao ser tocado ou beijado. Entretanto, já mostrara muita determinação, e o médico pensava que poder movimentar-se melhor o ajudaria na batalha.

Começamos o lento processo de obter permissão para levar Szuzannah e Patreascu à Inglaterra. Primeiro, precisávamos de cartas de médicos romenos e do hospital, declarando que o tratamento necessário não estava disponível na Romênia. Em seguida, os órgãos governamentais responsáveis

por deficientes precisavam dar permissão para a viagem. Por fim, os pais das crianças, caso fossem conhecidos, precisariam ser contatados.

Havia também a questão do dinheiro. Eu estava preocupada e me perguntava como poderia levar as crianças para a Inglaterra e pagar o tratamento. Algo ocorreria, eu sabia. E realmente ocorreu.

Fui procurada pelos internos da prisão Wandsworth. Nunca descobri como souberam de mim, mas de alguma forma haviam obtido dinheiro suficiente para pagar os bilhetes aéreos das crianças. Além disso, alunos de uma escola católica próxima sacrificaram a mesada e organizaram eventos beneficentes para pagar o leito de Patreascu no St. Gerard. Em fevereiro de 1992, oito meses após deixar a Romênia, voltei ao lar em Bacau. As freiras haviam dito que eu precisava ajudar a negociar com os vários órgãos governamentais que se recusavam a liberar os documentos necessários.

Quando cheguei ao lar das irmãs, precisei de alguns momentos para reconhecer as crianças. A pele e os olhos brilhavam. Era como testemunhar um milagre.

– Bevey – disse a irmã Jane na manhã seguinte –, venha para a missa.

– Ah, não, irmã – respondi. – Eu me sentiria uma intrusa. Não se esqueça de que sou atéia.

– Venha, só para ver suas crianças – insistiu.

Quando entrei na capela, não acreditei no que vi. As crianças tão selvagens que conhecera estavam quietas, sentadas em cadeiras ou de pernas cru-

zadas no chão, alegres, silenciosas e concentradas no serviço. Muitas diziam as preces com perfeição.

Fiquei estupefata ao constatar o quanto haviam progredido desde que eu as vira pela primeira vez. Senti que as lágrimas começavam a correr – lágrimas de alegria, e também de tristeza, porque tantas outras crianças ainda estavam abandonadas em Ungureni.

Mais tarde, as irmãs ficaram quase envergonhadas ao me contarem a verdadeira razão pela qual me haviam pedido que viesse.

– Houve rumores de que você estaria levando as crianças para a Inglaterra a fim de submetê-las a cirurgias experimentais ou retirar órgãos para transplante.

– As pessoas acreditam nisso? – perguntei.

– Não conseguem entender por que um eminente especialista como o doutor Dwyer viria lá da Inglaterra para ver casos tão perdidos como esses.

As irmãs levaram-me às repartições governamentais e me apresentaram como a mulher que viajaria com as crianças para a Inglaterra, seria a guardiã delas e as traria de volta após o tratamento.

Suponho que o fato de eu ser uma pessoa franca e de aparência honesta foi a garantia necessária para os funcionários, pois liberaram todos os papéis de que precisávamos. Voltei para a Inglaterra com esperança renovada.

Szuzannah

QUANDO JOHN soube que eu estava planejando voltar a Bacau e trazer duas crianças para

a Inglaterra sozinha, ficou consternado. “Elas precisarão de atenção especial”, disse ele. “Gostaria que eu fosse também e ajudasse você?”

Fiquei surpresa e feliz com a oferta. Enquanto nos preparávamos para

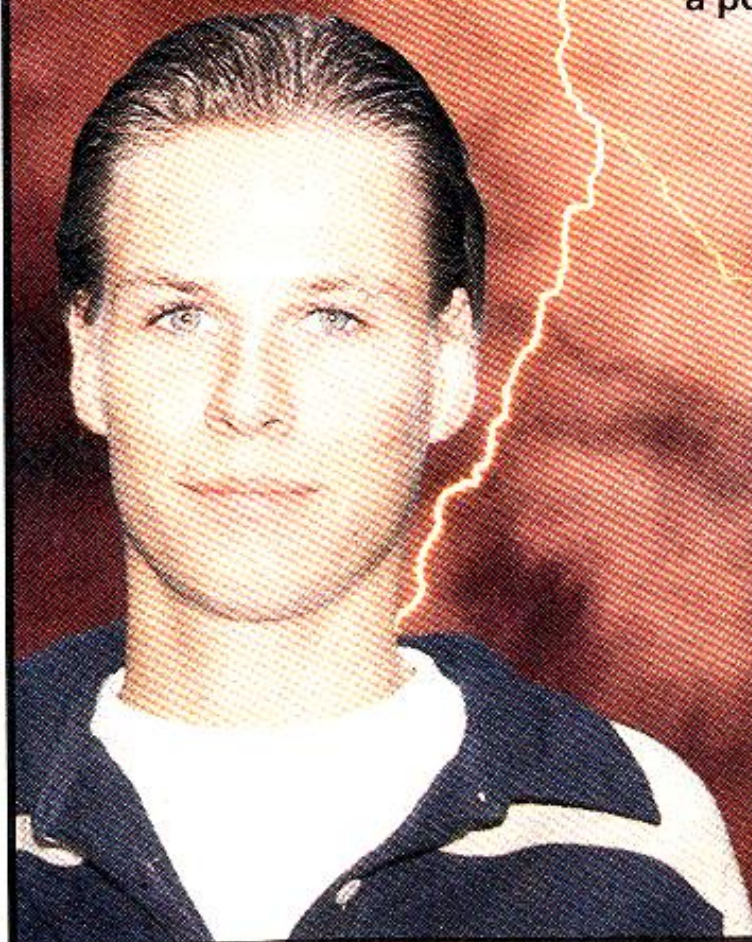
ir, estava ansiosa para ver se John cuidaria das crianças com tanto carinho como eu.

Em Bacau, a irmã Jane apresentou-lhe todas as crianças. Elas gritavam “Johnny” com entusiasmo, porque o

Próximo mês

Atingido por um raio

Os professores aterrorizados olhavam fixamente para os quatro estudantes deitados imóveis sobre a poça de água barrenta



Fique de olho nestes e em outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

SEGREDOS DA VIDA A DOIS

Um marido agradecido revela o que os homens secretamente amam no casamento

LÁGRIMAS DE RAIVA

Jovens, bem-sucedidos, de repente seu mundo foi arrasado pelo ato hediondo de uma pessoa desumana

PARA QUE SERVE A AMIZADE?

Pessoas que têm amigos são geralmente mais saudáveis e mais felizes

reconheceram das fotografias que eu lhes mostrara. Estavam fascinadas por constatar como era alto, e queriam apertar-lhe a mão ou se pendurar em seu casaco.

Então as crianças cantaram uma música especial, *Amamos você, Johnny*, que encheu seus olhos de lágrimas. Ele esperara ficar em segundo plano quando as crianças me recebessem. Ficou emocionado por ser aceito com tanto carinho.

Ao conhecer Patreascu, John ficou preocupado ao ver que o menino chorava e gritava o tempo todo. Decidiu que precisava tomar uma atitude em relação a isso, pois íamos acompanhá-lo até a Inglaterra. Portanto, sempre

que o menino soluçava, meu marido rosnava em tom de brincadeira. Patreascu ficou confuso e, depois de muito testar a reação de John, parou de chorar pela primeira vez na vida.

Viajei com Suzannah, enquanto meu marido carregou Patreascu no colo durante a maior parte do vôo. John disse que também pensava que o menino era mais esperto do que as pessoas acreditavam.

Uma ambulância estava aguardando no aeroporto, para nos levar ao hospital St. Gerard. Nigel operou Suzannah em abril de 1992. Além da paralisia cerebral, sua condição piorara porque as pernas haviam ficado amarradas ao peito durante muitos anos.

MUDANÇA DE
ENDEREÇO?

Garanta que Seleções o acompanhará!

PARA MUDAR SEU ENDEREÇO: Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE	<input type="text"/>
NOME COMPLETO	<input type="text"/>
CEP ANTIGO	<input type="text"/>

Envie este cupom para Reader's Digest
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ

NOVO ENDEREÇO

RUA/Nº	<input type="text"/>
CIDADE	<input type="text"/>
CEP	<input type="text"/>
ESTADO	<input type="text"/>
TEL	<input type="text"/>

Após a cirurgia, Nigel engessou as pernas de Szuzannah para esticá-las. Em junho, ela foi “promovida” a aparelhos ortopédicos e pôde andar pela primeira vez. Ela se movia com dificuldade, mas apresentava grande melhora em comparação com o estado anterior.

No hospital, Szuzannah rapidamente se tornou uma das favoritas da equipe. Ela desabrochou com a atenção das enfermeiras e até assistiu os pacientes idosos, ajudando-os a beber chá e limpando o que derramavam. Essas pequenas gentilezas pareciam satisfazer o próprio desejo de amar e ser amada. Era bonito observar.

Irmã Maria, a fisioterapeuta, queria que Szuzannah ficasse em pé o máximo possível. Por isso, durante as visitas, eu lhe dava tarefas que ela podia fazer em pé: descascar vegetais e lavar a louça. Ela também adorava fazer bolos com coberturas elaboradas. Eu esperava que essa menina adorável pudesse provar às pessoas na Romênia que era possível confiar nas crianças para pequenas tarefas e responsabilidades.

Por fim, quando Szuzannah já estava na Inglaterra há dez meses, decidimos que ela progrediria com mais rapidez se voltasse para casa. Estava ansiosa para rever as irmãs e os amigos, e para exibir o que os médicos haviam feito por ela.

Depois de comprar bilhetes aéreos com minhas próprias economias, acompanhei-a à Romênia. Foi recebida com festa no lar de madre Teresa em Bacau.

Quando chegou minha hora de partir, senti um nó enorme na garganta quando Szuzannah declarou: “Ficar

no chão é para os cachorros. Ficar em pé é bonito. É Bevey quem diz!”

A provação de um menino

PATREASCU PRECISAVA de operação para alongar a perna mais curta – procedimento que duraria 5 horas e meia. A recuperação da cirurgia demoraria um ano.

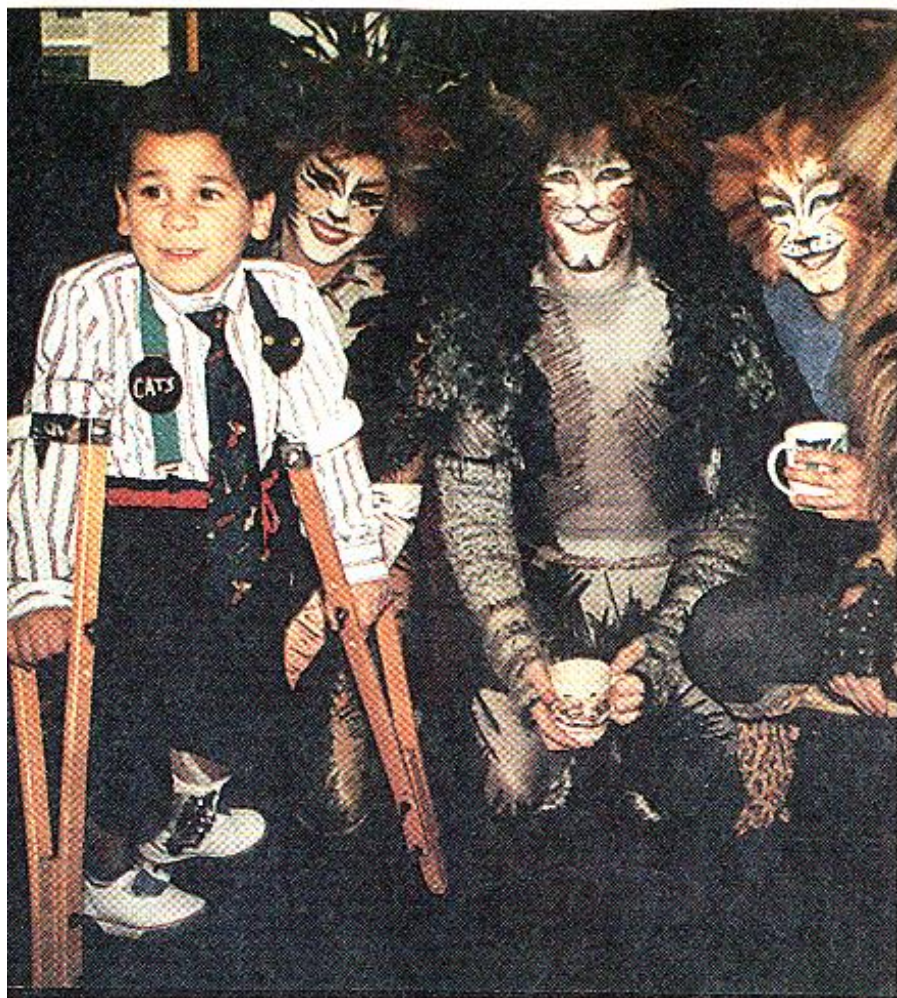
Primeiro, Nigel quebrou a minúscula perna de Patreascu em quatro pontos. Em seguida, furou quatro orifícios no fêmur e cinco na tíbia (o osso entre o joelho e o tornozelo). Depois, aparafusou nove barras de aço nos orifícios. As extremidades eram visíveis através da pele de Patreascu: as da coxa no exterior, as do resto da perna no interior.

Após a operação, Nigel estava exausto mas, antes de sair, fez uma visita rápida ao pequeno paciente. Vi-o erguer a mão do menino com ternura, para sentir o pulso. “Tadinho do Patreascu”, disse, com os olhos rasos d’água. Então se virou para mim e comentou:

– Seu trabalho começa agora, Bev.

Nigel avisou que os nervos de Patreascu ainda estavam intactos e, portanto, ele seria altamente sensível à dor. Perguntei-me como o menino suportaria sofrimento tão prolongado. Para que ele gritasse, bastava que alguém tocasse na perna ruim.

Nos dias que se seguiram, as barras que se projetavam da perna de Patreascu lhe causavam agonia se ele trombasse contra algo ou mesmo se virasse para o lado errado na cama. Por causa da dor, ele não conseguia dormir mais de 15 minutos a cada vez.



Patreascu com os atores da peça 'Cats': apesar de inicialmente ter sentido medo de suas fantasias, eles o fizeram falar pela primeira vez

Eu era cuidadosa ao trocar as ataduras ao redor dos pinos, e as molhava antes, para facilitar a retirada. No entanto, elas continuavam grudadas, e o processo de remoção era uma tortura. Depois de cada sessão, eu envolvia Patreascu no cobertor e o abraçava até que o corpinho parasse de tremer por causa da dor.

Uma semana após a operação, começou a segunda fase do tratamento. Quatro vezes ao dia, a enfermeira aplicava uma chave às barras de ferro conectadas aos pinos e os girava, separando um pouco mais os ossos. Isso estimulava a formação de cálcio e, aos poucos, de um novo osso.

Nas primeiras vezes em que Patreascu foi submetido ao procedimento, gritou de terror. Com o tempo, porém, terminou se acostumando. Após meses de sofrimento, a perna atrofiada crescera surpreendentes 15 centímetros e correspondia à outra. A operação foi um sucesso.

Durante minhas visitas, tinha pena do garotinho quando passeava pelas alas do hospital e via famílias com outros pacientes. Fiquei ainda mais determinada em ser uma presença constante para ele. Isso roubava tempo precioso de dedicação à minha família, mas John nunca deixou de apoiar meus esforços. Era imen-

samente grata a ele.

Assim que Patreascu ficou forte o suficiente, começou a passar os fins de semana conosco. A princípio, era trabalho duro. Apesar de ter 4 anos, ainda não caminhava e praticamente não tinha controle sobre os intestinos ou a bexiga. Era como ter em casa um enorme bebê de 1 ano.

Ainda assim, eu podia perceber que ele fazia progresso imenso. Os olhos que costumavam ser tão inexpressivos em Ungureni agora brilhavam, cheios de curiosidade. Embora antes ele raramente demonstrasse observar algo, atividades rotineiras começaram a lhe dar prazer. Por

exemplo, ajudar-me no jardim – arrancar ervas daninhas, plantar mudas e regá-las com carinho.

Como Patreascu não se interessava por brinquedos, era difícil ocupá-lo. Por isso, com frequência eu empurrava sua cadeira de rodas até o bosque, acompanhada por nossos cachorros, Misty e Moss. Algumas vezes, encontrávamos minha cunhada, Joy, e seu enorme pastor alemão. Patreascu segurava as coleiras dos três cachorros, permitindo que o puxassem pelas veredas do bosque.

Certo dia, os cachorros viram um cervo e dispararam como foguetes, com Patreascu chacoalhando sem parar. Embora eu o tivesse amarrado, fiquei apavorada com a possibilidade de uma trombada. Ele estava considerando tudo uma grande aventura e, quando conseguimos alcançá-lo, gritava de prazer.

Eu conversava com ele o tempo todo, apontando gatos, flores ou pássaros. Enquanto tagarelava, não sabia se ele entendia algo. Sua capacidade de concentração parecia limitada a segundos, e ele nunca respondia. Sentia que ele simplesmente não estava pronto para falar. Absorvia tudo e aguardava a ocasião de utilizar as informações recebidas.

Havia uma certeza: Patreascu estava determinado a caminhar. Por fim, conseguiu se levantar da cadeira de rodas e se mover com a ajuda de um andador. Lentamente, começou a desenvolver músculos na perna direita e nas nádegas. Nigel explicou que a fração de músculos que restara no quadril esquerdo lhe permitiria impulsionar a perna enquanto caminhava, e

posicioná-la para suportar seu peso, como um membro de madeira.

Aos domingos, precisávamos devolver Patreascu ao hospital. Para minha surpresa, comecei a sentir saudades durante a semana, e ficava triste quando pensava que ele voltaria à Romênia. Disse a mim mesma que estava apenas sendo egoísta.

A princípio, voltar ao hospital não parecia perturbar Patreascu, mas certa noite começou a chorar. Fiquei com ele um pouco mais, enquanto soluçava, até adormecer.

Naquela noite, fiquei deprimida e me perguntei se estávamos agindo da maneira correta. *Tornaríamos a criança mais infeliz, ao lhe darmos o gostinho da vida familiar antes de mandá-lo de volta à Romênia?*

Conversei com o pediatra de Patreascu, doutor Mike Tarlow, sobre o que acontecera no hospital.

– Excelente! – exclamou ele, para minha surpresa. – Significa que está começando a formar relacionamentos e demonstrar comportamento normal.

– Mas é de partir o coração! – repliquei.

– Ele está se socializando – insistiu o doutor Tarlow. – É um progresso enorme!

Parte da família

VÁRIOS MESES APÓS a operação, os pinos foram extraídos da perna de Patreascu, e ele foi colocado em dois moldes de gesso que o envolviam desde os dedos dos pés até a coxa. Enorme eixo unia o suporte de perna a um suporte de tórax, que ia até as axilas. O objetivo era proteger

seus frágeis ossos novos durante três meses, enquanto os orifícios dos pinos se fechavam. Gradualmente, o gesso foi removido, e Patreascu começou a aprender a caminhar com muletas.

No quinto aniversário de Patreascu, em dezembro de 1992, nós o levamos para assistir ao musical *Cats*. A princípio, ele ficou apavorado quando os atores se aproximaram fantasiados de gatos. Sentindo seu medo, eles se afastaram e começaram a atuar em frente ao menino. Patreascu se aproximou e tocou uma criatura completamente branca, esfregando o rosto no pêlo dela. Daquele momento em diante, o garoto entrou em transe.

Durante o intervalo, fomos convidados a ir aos bastidores conhecer o elenco. Os atores foram maravilhosos, permitindo que Patreascu tocasse as fantasias e estimulando-o a mostrar como andava com as muletas.

De volta às nossas poltronas, Patreascu outra vez se perdeu completamente na ficção. De repente, entrou seu personagem favorito, *Rum Tum Tugger*, com quem passara a maior parte do intervalo. “Gatinho!”, gritou com alegria. Foi sua primeira palavra.

A partir daí, a fala de Patreascu progrediu aos saltos. Subitamente, ele começou a nos chamar de mamãe e papai. Sentia-me inundada de felicidade cada vez que ele pronunciava essas palavras mágicas. Depois, uma onda de pânico me invadia, porque sabia que jamais poderia ser sua mãe.

Durante aqueles dias, eu rezava para que alguém adotasse Patreascu. Madre Teresa insistia em que as crianças consideradas adotáveis pelas

irmãs fossem oferecidas primeiro a famílias romenas. Caso nenhuma aparecesse, ela planejava oferecer as crianças para adoção na Itália. Até o momento, ninguém expressara qualquer interesse por Patreascu.

O que eu realmente desejava era ficar com ele. Já me sentia como se Patreascu fosse meu. Contudo, quando conversava com John, ele insistia que éramos “velhos demais, gordos demais e há muito tínhamos passado da data de vencimento” para sermos pais.

Com certeza, o argumento de John era válido. Aos 50 anos, ele já estava fazendo grandes sacrifícios para ajudar as crianças. Era compreensível que, com nosso filho Russell já crescido, ele não desejasse a responsabilidade de outra criança pequena, cujas capacidades e futuro eram incertos. Deixei o assunto morrer.

Ainda assim, meus últimos pensamentos à noite se voltavam sempre para Patreascu. Ele era tão corajoso, tão desesperado para agradar, tão disposto a oferecer sua confiança e seu amor. Eu gostava especialmente de dar banho nele e passar algum tempo ao seu lado antes de colocá-lo para dormir. Quando se sentava em meu colo e eu cantava para ele, sentia contentamento diferente de tudo o que já experimentara antes. Parecia tão natural!

Muitas vezes, eu acordava de madrugada com a fria percepção de que ele não ficaria conosco para sempre. Então chegou o dia que eu receara. Em uma das consultas de Patreascu, Nigel se recostou na cadeira e disse, radiante:

– Olhe, Bev, acho que esse rapazi-
nho está pronto para voltar à Romênia!



O que o amor é capaz de fazer: a autora e Patreascu, hoje com 10 anos

Suas palavras cortaram meu coração como um punhal. Senti o ar fugir de meus pulmões. O rosto queimava e o coração se acelerou.

– Tem certeza?

– Não há dúvida! – respondeu, sem ter conhecimento de meu dilema interior. – Não poderia estar melhor!

O que eu não sabia é que John também estivera pensando na hipótese de nunca mais revermos Patreascu. No *reveillon* de 1993, ele pronunciou palavras que mudariam nossas vidas para sempre:

– Ainda penso que somos velhos demais, gordos demais e que há muito passamos da data de vencimento..., mas acho que devemos tentar adotar Patreascu.

Fiquei surpresa, olhando para ele.

– Preciso perguntar a opinião de Russ – foi tudo o que consegui dizer.

John concordou e, pouco depois, abordou o assunto cuidadosamente com nosso filho.

– Russ, você provavelmente já percebeu que Patreascu voltará em breve para a Romênia.

– O quê? – interrompeu Russ. – Isso é ridículo! Por que vocês não tentam adotá-lo?

Não poderíamos ter ficado mais surpresos. Quando liguei para a irmã Jane, sua alegria foi completa:

– Havíamos reservado Patreascu para vocês – confessou. – Mas precisávamos esperar que John e você o quisessem.

Os tordos tossem?

PARA DAR INÍCIO AO processo de adoção, precisamos telefonar para a mãe Teresa pessoalmente, em Calcutá. Ela prometeu escrever as cartas necessárias para as autoridades romenas.

Também entramos em contato com o Serviço Social Britânico, que nos